

**DIMENSÕES PSICOSSOCIAIS DO RACISMO E O SUJEITO EM SOFRIMENTO:
Possíveis contribuições da Psicologia para a construção da identidade da pessoa negra**

**PSYCHOSOCIAL DIMENSIONS OF RACISM AND THE SUFFERING SUBJECT:
Possible contributions of Psychology to the construction of the identity of the black
person.**

Tarik Aguilar

Acadêmico de Psicologia, AlfaUnipac, email: tarikaguilar85@gmail.com

Maria Thereza Nobrega Pereira Teixeira

Psicóloga clínica, docente da Faculdade Unipac, Especialização em Saúde Mental

IPUB/UFRJ Mestrado CFCH/UFRJ

Recebido 01/03/2022. Aceito 20/04/2022

Resumo

É inegável que o racismo produz e reproduz sofrimentos variados naquele que o enfrenta. Este trabalho visa demonstrar como o preconceito e a discriminação racial atinge a saúde mental da pessoa negra e como essa modalidade da violência influencia na construção da sua identidade e subjetividade. Para tal, o texto se vale de uma revisão bibliográfica da produção científica acerca da temática principal, aliando a uma pesquisa acerca do papel da Psicologia no auxílio da pessoa negra a reconstruir sua singularidade violada. A identidade, como espaço de construção do sujeito psicológico, parece estar em constante tribulação naqueles que experienciam constantemente atos e discursos racistas. Isto posto, faz-se essencial estudar as relações existentes entre o racismo e os modos da construção identitária e subjetiva do ser.

Palavras-chave: racismo; identidade; subjetividade; sofrimento mental.

Abstract:

It is undeniable that racism produces and reproduces various sufferings in those who face it. This paper aims to demonstrate how prejudice and racial discrimination affects the mental health of black people and how this type of violence influences the construction of their identity and subjectivity. For such, the text makes use of a bibliographic review of the scientific production about the main theme, together with a research about the role of Psychology in helping black people to rebuild their violated singularity. Identity, as a space of construction of the psychological subject, seems to be in constant tribulation in those who constantly experience

racist acts and speeches. That being said, it is essential to study the existing relations between racism and the modes of identity and subjective construction of the being.

Keywords: racism; identity; subjectivity; mental suffering.

1. Introdução

Apesar de ser uma nação multirracial e etnicamente diversificada, sobre o Brasil paira o horror diário do racismo, presente desde o início da nossa história.

O racismo se introduz e expressa nas instituições fundamentais desde os tempos da escravidão até os tempos modernos. Essa manifestação de violência racial é baseada na divisão étnica do país que vitimiza a população negra, definindo seus aspectos psicossociais e adaptando esses sujeitos para o sistema nocivo no qual habitam, os sujeitando a uma condição de passividade e subjugação.

Esse sistema está pronto e evolui para humilhar, diminuir e restringir a população negra dos direitos humanos básicos e a manter na situação de miséria e invisibilidade dentro de uma sociedade repartida em classes econômicas e étnicas, onde o homem branco é provedor e dominante, e o negro é vagabundo e marginal.

A cultura relacionada a essa violência se manifesta mesmo quando o sujeito não se expressa ou relaciona a essa figura construída historicamente e socialmente pela comunidade em relação a ele, lhe privando de acesso pleno a educação e ao plano de trabalho formal; a discrepância entre negros, brancos e pardos no sistema carcerário é gritante; a ausência de políticas públicas, incentivo da indústria privada e representação do negro em cenário artístico e cultural — representada por um conteúdo direcionado a esse público e a quebra de esquemas nocivos relacionados a essa população — contribuem para a estagnação da imagem difundida ao longo dos séculos acerca do negro.

Sem grande acesso ao campo acadêmico, a ausência de material acadêmicocientífico produzido, direcionado e relacionado a comunidade negra também é escasso, embora isso esteja mudando lentamente.

O negro é vítima constante dos produtos psicossociais do racismo (DA COSTA e DE OLIVEIRA, 2019). É inegável a existência de efeitos nocivos na saúde mental do negro e na sua subjetivação e identificação. Esse processo torna árdua a vivência subjetiva saudável do negro e isso se relaciona com a dificuldade referencial de construção de identidade para os sujeitos dessa população. Isso pode implicar em um arranjo distorcido na compreensão acerca

do próprio corpo e da identidade social e psicológica do negro dentro da sociedade ao qual ele está inserido.

Todos os padrões vigentes nessa sociedade sustentam estereótipos que virão a favorecer e protagonizar a pessoa branca e todos seus privilégios naturalizados, enquanto virão vilanizar o negro e suas características — vinculando essencialmente, a pele preta a marginalidade, agressividade e irracionalidade. O sujeito negro, inserido nesse contexto, não vai construir sua própria identidade sobre um terreno mais firme, e vai necessitar de adotar uma postura que corresponda aos anseios sociais no qual ele está constantemente exposto: todas as situações vexatórias e ataques a sua individualidade derivados da percepção da comunidade acerca das suas características fenotípicas.

Deste quadro, os negros desenvolvem quadros de estresse e depressão, múltiplos sintomas de sofrimento psíquico e diminuição no desempenho geral (DA COSTA e DE OLIVEIRA, 2019).

O objetivo desta pesquisa é compreender a influência do sofrimento psíquico causado pelo racismo na construção da subjetividade e identidade do negro e a atuação da Psicologia na construção da expressão da sua identidade, analisando a historicidade do racismo no Brasil e suas implicações na saúde mental do sujeito negro; associando a discriminação racial e o sofrimento psíquico e suas influências na expressão da identidade do negro e identificando o papel do profissional da Psicologia no apoio à construção do processo de subjetivação e identificação do negro, sendo que a pergunta que vai nortear a pesquisa é: por que e como o sofrimento psíquico, produto direto do racismo, influencia na construção da subjetividade e identidade do negro, e qual a contribuição da psicologia na sua construção?

A temática é academicamente relevante, visto que é pouco trabalhada nesses contextos, sendo recente em âmbito científico. Compreender, estudar e divulgar a vivência social do negro é essencial para descobrir as problemáticas derivadas do racismo e suas características sociais, históricas e psicológicas que podem impedir o negro de alcançar a formação plena da sua identidade. A psicologia deve ser capaz de colaborar nessa construção para o enriquecimento na batalha contra a discriminação racial, de forma que os praticantes estejam aptos e dispostos a auxiliar o discriminado em sua jornada de (re)criação e descobrimento como sujeito.

2. Metodologia

Esta pesquisa vai tratar de uma revisão bibliográfica de abordagem qualitativa, sendo exploratória enquanto método. Serão feitas análises de produções científicas, delimitadas ao período entre 2010 e 2020 e realizada em uma busca eletrônica nas bases de dados Lilacs, Pepsic, Scielo e Google Acadêmico, cruzando os seguintes descritores: racismo, sofrimento mental/psíquico da população negra e modos de subjetivação e identidade da pessoa negra. Através de tais descritores, da aplicação dos critérios de seleção dos textos e leitura prévia, onze textos foram considerados relevantes para análise, mesmo que não tratando exclusivamente do impacto do racismo na saúde mental e construção da subjetividade e identidade da pessoa negra.

3. Revisão de literatura

3.1. Racismo: historicidade e implicações na saúde mental

O conceito de racismo reflete um fenômeno social e histórico circunscrito ao campo ideológico e que vai aparecer através da classificação de raça dentro da sociedade moderna; sobre esse espaço de categorização, para estudar o racismo e suas implicações na saúde mental e, por efeito, na construção da identidade do sujeito negro, se faz necessário delimitar o estudo a partir do conceito de raça enquanto constructo social, já que o racismo age para além dos sentidos biológicos do que é raça (COLOSSO, DOS SANTOS e MARTINS, 2013).

Na organização da modernidade, o racismo se transformou em um importante componente de ordenação social por servir como apoio a manutenção da hierarquia vigente: o mito da superioridade do branco que convive com o mito da inferioridade do negro. A partir desse entendimento se encontra no discurso biologicista e sociológico do racismo um discurso racionalizado e normalizado da segregação e do preconceito racial (SCHUCMAN, 2010). O racismo então, consiste num modo de discriminação que vai se originar numa aversão muitas vezes reprimida a cor da pele do negro e a cultura desse povo, discriminação que culmina em ofensas, desprezos e violências. É esse fenômeno que proporciona a marginalização desses sujeitos dentro da sociedade.

E embora o preconceito racial provoca variadas consequências individuais e coletivas, sua prática aqui no Brasil é cada vez mais explícita e presente no passar das gerações muito mais em forma de linguagem.

Ainda que todas as evidências apontem para o racismo como explicação para as desigualdades raciais, o racismo brasileiro tem a especificidade de ser velado e sutil. Aqui o racismo desenvolveu-se de forma muito específica e particular, porque o racismo brasileiro nunca foi legitimado pelo Estado, mas sim foi e ainda é um racismo presente nas práticas sociais e nos discursos, ou seja, um racismo de atitudes. (Schucman, 2010)

No Brasil é possível dizer que há um certo compartilhamento entre os sujeitos negros das suas experiências em relação ao racismo; são histórias de dor, humilhação, exploração... O mito cruel da superioridade branca acaba impondo um desejo de “embranquecer” e limpar a sociedade e para isso se nega os aspectos raciais e culturais dos negros. A longa e brutal dominação dos colonizadores europeus aqui no Brasil durante a era da escravidão estabeleceu uma era de destruição também dos elementos que formavam a identidade cultural e étnica de raízes africanas.

O racismo enquanto ideologia que beneficia os brancos, vai acarretar prejuízos aos negros não somente nos campos sociais e econômicos (as diferenças socioeconômicas entre pessoas brancas e pessoas negras persistem, bem como as dificuldades em acessar uma educação com mais qualidade e cargos de chefia, entre outros exemplos de discrepâncias entre brancos e negros), vai atingir também a saúde mental desses indivíduos.

As vivências relacionadas as violências do racismo vão criar um desconforto psicológico grave nos negros e esses impactos tem conquistado espaço no campo da pesquisa. Damasceno e Zanello (2018) mencionam que a maior parte da população negra se encontra num constante estado de sofrimento psíquico por causa das condições de vida frágeis e dificuldade em planejar um futuro de êxitos.

Essa condição constante causa transtornos tais como taquicardia, hipertensão arterial, úlcera gástrica, ansiedade, ataques de pânico, depressão, dificuldade de se abrir, ataques de raiva violenta e aparentemente não provocada, comprometimento da identidade e distorção do autoconceito (DAMASCENO e ZANELLO, 2018).

Ou seja, mesmo sendo um fenômeno silenciado apesar de real, o racismo no Brasil pode causar impactos negativos na saúde mental desse indivíduo negro como consequência estressante e traumática que vai se condensar no decorrer da sua vida.

3.2. O sofrimento psíquico causado pelo racismo e a identidade da pessoa negra

A condição de africanos que sucumbem à escravidão teve um efeito assolador em sua subjetividade. Além de morrerem indignamente e sofrerem graves punições dos seus “senhores”, muitos africanos escravizados tentaram suicídio. Forçados a deixar suas terras, comunidades, suas línguas e até cultura e espiritualidade fez com que esses sujeitos perdessem referências da sua própria identidade e consciência da sua autoimagem. As dinâmicas pra fuga e feitio dos quilombos puderam garantir a reconstrução de seu senso de identidade e coletividade (SANTOS, 2019).

Atualmente, o racismo se mostra de outra forma, às vezes muito velado em discursos, às vezes escancarado. É possível ver que o país implantou e deu continuidade à política de branqueamento populacional por meio de diversos dispositivos. A partir do momento em que os negros tomaram conhecimento do racismo, sua mentalidade foi marcada pela perseguição física. A partir daí, o sujeito a controlar e observar o seu corpo, um corpo que se opõe à construção da identidade branca que é imposta como a ideal.

A relação do racismo como estressor causador de sofrimento mental não pode ser ignorada, principalmente para a compreensão da construção da identidade enquanto expressão da subjetividade do negro.

Damasceno e Zanello assinalam que “a exposição cotidiana a situações humilhantes e constrangedoras pode desencadear um número de processos desorganizadores dos componentes psíquico e emocional” (2018). Assim a discriminação racial vai provocar diferentes formas de adoecimento e alterações na formação da identidade da pessoa negra.

Um dos modelos de racismo que mais lesa essa formação é o costume do branqueamento/embranqueamento (SILVA, 2010, p. 43-45), sendo este uma forma de manipulação para interiorização dos modelos culturais do povo branco como sendo superiores, além de associar seu fenótipo como o belo, tudo isso em detrimento da cultura e do corpo do negro. Esse processo de “embranquecer” a sociedade visa principalmente redefinir a condição humana do negro, dando a ele um sentido de inferior, inútil e indigno (NASCIMENTO, 2003 *apud* SILVA, 2010, p. 43-45).

Cabe aqui ressaltar os significados dos dois conceitos imprescindíveis para o presente trabalho: subjetividade e identidade. E dentre diversas pontuações, duas chamam atenção.

Para Silva (2009), a subjetividade enquanto parcela que forma o psiquismo humano facilita aos sujeitos apoderarem-se das produções e objetos humanos (universalidade), através de certas circunstâncias existenciais (particularidade), que vão compor os sujeitos de maneira única (singularidade), mesmo quando estes compartilham particularidades semelhantes.

Portanto, a subjetividade seria uma definidora da estruturação pessoal do sujeito, uma via importante para sua formação individual que o vai proporcionar a ele as pontuais diferenciações em relações ao outrem e à sociedade, uma característica basilar para tornar-se ímpar.

Já Oliveira e Sabatine (2018) apontam a identidade como um processo em que o sujeito se define, mantido pelos aspectos essenciais de sua condição enquanto ser humano, sendo esse processo uma estrutura subjetiva marcada em especial pela interação desse sujeito com seu meio e outros sujeitos; apontam ainda que nessa dinâmica de relação ambiental e interpessoal, o reconhecimento do outro é fundamental para a construção da nossa identidade. A identidade enquanto espaço de construção do sujeito psicológico perpassa intersubjetividade conectada a uma linguagem que é compartilhada por uma determinada cultura e corpo social.

Então se esse reconhecimento se der de maneira deformada e equivocada, passa a ser uma agressão que afeta o modo como o sujeito se estima e conhece. Num contexto de discriminação racial constante, o negro pode passar a internalizar as características negativas que o outro lhe atribui, criando um sentimento de ódio e repulsa a seu corpo e a sua cultura.

Essa constante tentativa de apagar a ancestralidade e cultura do povo negro, somada a constante humilhação e brutalidade que este sofre por causa da sua cor e traços físicos marcantes, vai gerar nesse indivíduo um processo de violação da sua autoestima, da sua autorreferência e do seu autoconhecimento (FERREIRA e PINTO, 2014). Ou seja, a pessoa negra se depara com obstáculos para se identificar como um ser que de fato integra o mundo e é dotado de subjetividade porque a construção da sua autoimagem e maneira de existir se dá de maneira distorcida.

Ao negro não resta outras possibilidades de identificação pois

A formação imaginária social do negro como o ruim, o mal, o sujo, juntamente com a objetificação do corpo, a escravidão moral, o trabalho forçado, a ruptura dos laços familiares, de suas tradições, crenças, durante quase 400 anos, teve um impacto na psique da população negra. (FERREIRA e PINTO, 2014)

Portanto, a exclusão social e submissão do negro vai exercer uma grave influência na sua saúde mental e todos os sintomas decorrentes desse sofrimento psíquico, como os sintomas depressivos e ansiosos, vão impactar diretamente na construção da sua subjetividade e identidade.

É justo admitir a possibilidade de que as pessoas atingidas negativamente sofram consequências passíveis de acarretar níveis de estresse e trauma, com sintomatologia

coerente às encontradas nas descrições de transtorno de estresse agudo ou pós-traumático. Assim, considerá-las fragilizadas e dispensar os cuidados adequados é uma decisão favorável à saúde integral da pessoa. A insidiosidade que acompanha as experiências de discriminação racial causa impacto significativo na vida das pessoas, atingindo quase sempre o aspecto subjetivo, afetando a confiança, desempenho e estima das vítimas. Além disso, há de se considerar a complexidade do trauma racial visto que é frequentemente reexperienciado, direta ou vicariamente, atravessando gerações inteiras, uma vez que faz parte da nossa realidade desde a época da ocupação europeia, solidificando-se com a escravização dos africanos e perdurando até os dias atuais. Assim conhecer e considerar o racismo como um problema de saúde é fundamental para orientar os profissionais de saúde, em especial a saúde mental. (MATA e PELISOLI, 2016)

3.3. Possibilidades do papel da Psicologia na construção do processo de identidade do negro

Para Oliveira e Sabatine (2018),

O psiquismo do negro não se dedica a busca da satisfação, mas a regeneração da lesão oriunda da dor provocada pelo racismo, e o custo que isso gera ao negro, é um pensamento incapaz de elaborar argumentos de prazer sobre sua identidade.

Para possibilitar a esse sujeito um encontro com sua subjetividade e meios para expressá-la numa identidade autêntica, a atuação do profissional da psicologia é determinante. E essa atuação precisa ser conduzida constantemente por uma ética voltada não somente a individualidade do sujeito negro em sofrimento, mas que também esteja voltada para o coletivo a partir de uma ciência psicológica e seu exercício de fato antirracista; não bastaria se posicionar contra o racismo e se aplicar individualmente, é necessário também intervir coletivamente através de uma teoria antirracista que se direciona para a reconstrução da identidade do povo negro (NETO, 2019, p. 70-72).

A produção teórica voltada para a temática central deste trabalho (o racismo e suas implicações na saúde mental e construção da identidade da pessoa negra) ainda é limitada, porém profundamente inter e multidisciplinar. Para dar significado a luta antirracista, é importante incentivar essas produções e especialmente incentivar o aprofundamento da temática em questão no campo da psicologia. Neto (2019, p. 70-72) cita:

Havendo espaço acadêmico ou para a centralidade racial ou para a intersecção que este tema se organiza a outros âmbitos da vida humana, poderia com isso haver teorias, leituras e reflexões para dar base a uma análise crítica e assim de práticas interventivas.

Esse aprimoramento teórico possibilita o aprimoramento do fazer da psicologia, relevante para permitir a suspensão da legitimação da discriminação racial. Desse caminho nasce o apoio do profissional da psicologia para reconstrução dos modos de subjetivação do negro: a psicóloga, que baseia sua intervenção diante de sujeitos que estão passando por sofrimento psíquico causado pela ideologia racista, numa ação antirracista (MARTINS e SCHUCMAN, 2017), vai estar oferecendo a esse sujeito uma possibilidade de abertura, uma via para construir e reconstruir sua subjetividade e por conseguinte, construir sua identidade afastada dos resultados nocivos dessas ideologias a partir da adoção de um posicionamento críticos acerca destas.

Por ser a ciência e profissão que trata do comportamento e dos processos mentais do ser humano, é a psicologia o principal recurso para compreender os elementos que formam a subjetividade da pessoa negra e a expressão da sua identidade. Para Miranda (2014)

O sentido do processo identitário é, então, questionado, partindo do pressuposto de que este último se correlaciona a um conflito entre autonomia e heteronomia, entre a pretensão de uma vida que faça sentido, concretizada através da efetivação de uma ação política (que pode ocorrer de forma explícita ou não) e a coisificação dos indivíduos, ou seja, um processo de metamorfose que é invertido no seu sentido ético, no qual os indivíduos e coletividades são impelidos por forças coercitivas (de ordem subjetiva e/ou objetiva) que impedem a realização de projetos políticos emancipatórios.

A psicologia então seria esse instrumento capaz de fazer ser tangível a possibilidade do reencontro da pessoa negra, que sofre, com uma perspectiva de construção da sua identidade a partir da reconstrução da sua subjetividade, através dos caminhos de sentidos e significados que a psicologia vai lhe oferecer. Entender a dimensão psicossocial do racismo, com todas as suas implicações na saúde mental do negro, é de suma importância para tornar concreto ações de emancipação que vão proporcionar a esse sujeito uma abertura para a oportunidade de se enxergar, de se conhecer e reconhecer para muito além das dores e lesões causadas pelo racismo e de se recriar a partir das suas próprias construções internas.

Com o propósito de sensibilizar e qualificar a escuta clínica sobre a violência racista, o Conselho Federal de Psicologia vem produzindo documentos que orientam a atuação do/a profissional de psicologia, apresentando procedimentos para compreender qual seu papel no enfrentamento ao racismo. Visto que “o preconceito racial humilha e a humilhação social faz sofrer” (Conselho Federal de Psicologia, 2002), é imprescindível uma escuta clínica qualificada diante da violência racista a fim de que narrativas de homens e mulheres negras não sejam

ignoradas, incompreendidas, negligenciadas, ou seja, invisibilizadas e silenciadas (SANTOS, 2019).

Como tratar dos efeitos do racismo na subjetividade negra numa relação terapêutica em que a marca do terapeuta, ser branco, é o que legitima as violências ao ser preto do paciente? Como acessar o auto-ódio para dele poder sair e não acessá-lo e dele continuar padecendo? Os psicólogos brancos suportariam a redistribuição da violência racial no *setting*? Quando a transferência negativa é, na verdade, violência criadora, o psicólogo branco sabe manejar? (VEIGA, 2019)

O problema básico de promover uma descolonização da psicologia e da prática clínica é que a descolonização não só inclui a até então silenciosa epistemologia na bibliografia, mas também questiona a posição dos psicólogos, posicionando suas marcas e seus locais de fala, porque pertence aonde vai ele escuta aquele lugar. A subjetividade dos negros tem uma dimensão que, talvez, somente outros negros podem aceitar (ZAMORA, 2012).

As experiências de racismo individual ou institucional, únicas ou recorrentes, flagrante ou sutil, independente de graus de insidiosidade, devem ser consideradas como fatores de sofrimento capazes de promoção de prejuízos que interferem na saúde física e psíquica dos indivíduos, se levarmos em consideração o ambiente em que essas pessoas estão imersas e não o evento isoladamente. A organização da sociedade de forma hierarquizada pelo viés raça-classe promove o racismo como norma de convivência, naturalizando a exclusão de grande parte dos seus membros. A raça não se sustenta mais como um critério científico, mas as relações sociais seguem cada vez mais racializadas, assumindo outras formas e discursos. (MATA e PELISOLI, 2016)

4. Considerações finais

Tecer um trabalho com a temática proposta é um desafio. E tal desafio pode ser visto sob diversificados ângulos: a perversidade do ainda presente racismo, as consequências manifestas da violência racial, em especial no que concerne à saúde mental da pessoa preta, as dificuldades que a Psicologia encontra na disseminação acadêmica-científica e manejo clínico com sujeitos cuja identidade e subjetividade tenham sido negativamente afetados pela discriminação racial, dentre outros pontos.

Tentou-se buscar uma retomada histórica acerca do racismo estrutural e suas implicações no contexto nacional, além de uma breve explanação sobre o que é subjetividade e identidade. Buscou-se também alinhar as questões intrínsecas ao racismo com suas inferências na saúde mental dos sujeitos discriminados, identificando principalmente como que tal violência contribui para a desestruturação da identidade e subjetividade daquele que é racialmente

discriminado. Não só para entender as variadas nuances deste objeto de trabalho, a Psicologia se faz relevante enquanto caminho terapêutico de ressignificação e reconstrução do sujeito, posto que seu arcabouço teórico, apesar de que um pouco faltante no tocante direto ao assunto, é rico no aglutinamento das multifaces que envolvem o sofrimento psíquico do sujeito vítima de racismo.

As dimensões psicossociais implicadas na pessoa preta são vistas de maneiras diferentes de acordo com o lugar de fala daquele envolvido, direta ou indiretamente.

O racismo é uma questão social, cultural, histórica e política: é um problema estrutural grave que perpassa gerações, grupos sociais, corpos e individualidade.

O trabalho evidenciou a necessidade de se construir uma luta contra a desigualdade racial e suas discriminações deve abraçar a todos. Partindo-se de políticas públicas adequadas, participação popular, intervenções de uma Psicologia antirracista, dentre outras, o objetivo de se construir uma dinâmica educativa antirracista se torna mais palpável. É de suma importância trabalhar a partir de uma coletividade social e de ações para que se torne possível a retomada da autonomia do sujeito.

Referências

DA COSTA, Elizama Franciane; DE OLIVEIRA, Patrícia Alessandra. O sofrimento psíquico causado pelo racismo e o seu impacto na subjetividade. **Revista Uningá**, v. 56, n. 1, p. 114-130, 2019.

DA SILVA, Flávia Gonçalves. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia da Educação. Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação**, n. 28, 2009.

DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. Saúde mental e racismo contra negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 3, p. 450-464, 2018.

DE OLIVEIRA, Anderson Alves; SABATINE, Francielle. Psicologia e racismo: uma discussão contemporânea. **Revista da Iniciação Científica**, v. 3, n. 1, 2018.

MAIA NETO, Manoel Nogueira. **Eu não estou aqui: texto-testemunho para psicologias antirracistas**. 2019. Páginas 72-85. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Psicologia do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2019.

MARTINS, Edna; DOS SANTOS, Alessandro de Oliveira; COLOSSO, Marina. Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da SciELO e Lilacs. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 15, n. 3, p. 118-133, 2013.

- MIRANDA, Sheila Ferreira. Identidade sob a perspectiva da psicologia social crítica: revisitando os caminhos da edificação de uma teoria. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 5 - n. 2, p. 124-137, jul./dez. 2014
- PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 9, n. 2, p. 256-266, 2014.
- SANTOS, Abrahao de Oliveira. O Enegrecimento da Psicologia: Indicações para a Formação Profissional1. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 2019.
- SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e antirracismo: a categoria raça em questão. **Revista Psicologia Política**, v. 10, n. 19, p. 41-55, 2010.
- SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. A psicologia e o discurso racial sobre o negro: do “objeto da ciência” ao sujeito político. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 37, n. SPE, p. 172-185, 2017.
- SILVA, Márcia Maria da. **Racismo e subjetivação**. 2010. Páginas 43-45. Trabalho de Conclusão de Curso - Faculdade de Psicologia do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, Goiás, 2010.
- VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, p. 244-248, 2019.
- ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 24, p. 563-578, 2012.